

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ADEILSON BARBOSA DE MELO

**Acolhe os manos, as minas e as monas: a
comunicação não-violenta e a psicoterapia com
pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência.**

RECIFE/2023

ADEILSON BARBOSA DE MELO

Acolhe os manos, as minas e as monas: a comunicação não-violenta e a psicoterapia com pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador(a): Dra. Flávia de Maria Gomes Schuler

RECIFE

2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

M528a Melo, Adeilson Barbosa de.
Acolhe os manos, as minas e as monas: a comunicação não-violenta e a psicoterapia com pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência/ Adeilson Barbosa de Melo. - Recife: O Autor, 2023.
33 p.

Orientador(a): Dra. Flávia de Maria Gomes Schuler.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Comunicação. 2. Psicoterapia. 3. Lgbtfobia. 4. Violência. 5. Acolhimento. I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 159.9

Dedico esse trabalho, a todas as pessoas que de alguma forma quando correm atrás dos seus sonhos, não têm apoio algum por perto, nada que os façam sentir mais prazer no que desejam e buscam. Porém, mesmo assim, continuam, pois aquilo só precisa fazer sentido para uma pessoa naquele momento, elas mesmas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a oportunidade de estar em um curso de nível superior, algo que muitas pessoas da minha família sequer chegaram a ter. Porém, ainda não é o fim, os sonhos ainda não terminaram e eu tenho outros pela frente, obrigado Senhor!

Agradeço também a mim, em segundo lugar, pois só quem vive a rotina de estudo e trabalho sabe o quanto isso é cansativo, mas necessário, se isso for seu sonho. Foi duro, trabalhoso e exigiu muita dedicação, mas consegui.

Agradeço com todo o coração à professora Myllena Miranda, a quem eu tenho todo o carinho do mundo, pois foi este ser humano que me lançou no mundo da criação científica e eu tenho um orgulho danado de ter sido aluno dela. E mesmo depois de todo esse tempo, eu ainda uso os materiais das aulas delas. Te amo profe, obrigado por tudo!

Agradeço a professora Sandra Aoun pela paciência e toda orientação que me entregou durante o estágio na clínica escola de Psicologia da faculdade, tive a honra de tê-la como professora durante a graduação e preceptora durante o meu estágio, uma pessoa maravilhosa. Obrigado por todas as palavras professora!

Agradeço também à magnífica professora Cláudia Gouveia, a pessoa que trouxe a psicanálise para minha vida de uma forma tão linda, divertida, didática e que agora é com toda a certeza a minha escolha de abordagem.

Agradeço a Gabryella Ribeiro (Gabis), que me aguentou esses anos todinhos da graduação, me acompanhou indo à faculdade todos os dias e me aguenta também quando eu falo várias besteiras. Obrigado, meu bem!

Agradeço a Jheniffer, a pessoa que eu mais amo e mais brigo no mundo, uma relação de amor e ódio que eu vou levar para minha vida inteira. Te amo!

Agradeço a todos que de forma direta ou indiretamente, fizeram parte de toda a minha trajetória de estudos e acreditaram em mim de alguma maneira, muito obrigado!

“Nesse dia, eu já tinha tentado, eu tinha 14 anos de idade. Tinha lido, em algum lugar, eu não me lembro muito bem, que se eu bebesse muita água eu poderia me matar. Aí, nesse dia, eu tomei muita, enquanto eles (o padrasto e a mãe) estavam entrando eu comecei a tomar muita, muita, muita água tentando me matar, porque eu não queria estar ali, pelas atitudes (do padrasto acerca da orientação sexual). Eu me senti uma pessoa perdida, como se o que eu realmente estivesse sentindo não importasse para ninguém, e que aquilo ali realmente era uma doença, e que aquilo ali realmente era alguma coisa que poderia ser resolvido.”

- Relato de um homem gay de 19 anos vítima de violência. Trecho retirado do livro “Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs”, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia, 2019.

RESUMO

A LGBTfobia é um problema que faz parte da vida de toda pessoa LGBTQIAPN+. O Brasil é o país que lidera o ranking dos países que mais matam pessoa LGBT no mundo, e isso retirando dos registros os inúmeros casos de violência não-fatais que existem. O sujeito que sofre com esse tipo de violência é um sujeito frágil em diversas esferas, sejam elas físicas, sociais, políticas, econômicas e mentais. A comunicação não-violenta atrelada à psicoterapia pode se tornar grandes aliadas diante desse processo. Diante disto, o presente estudo visa, compreender como a comunicação não violenta pode ajudar no acolhimento em psicoterapia de pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência. Tendo como objetivos específicos: compreender como a comunicação não violenta se insere no contexto da psicologia; caracterizar o perfil das pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência; entender como as pessoas vítimas de LGBTfobia podem se beneficiar da comunicação não violenta na psicoterapia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia de revisão sistemática de literatura, nas bases de dados SCIELO, BVS e Periódicos CAPES, com artigos publicados entre os anos de 2013 e 2023. Seguindo as fases previstas, nos resultados chegou-se a dez artigos selecionados segundo os objetivos específicos. Conclui-se que, a comunicação não-violenta, sendo utilizada dentro da psicoterapia de forma profissional, pode ajudar muito no processo terapêutico de pessoas LGBT vítimas de LGBTfobia, trazendo mais conforto e empatia tanto sobre o acolhimento após o evento traumático, quanto em relação à sexualidade do outro que nesse sentido é o que mais deixa o sujeito em situação de vulnerabilidade dentro da sociedade. Entretanto, o uso da comunicação não-violenta na psicoterapia não pode permanecer apenas, na prática, a escassez de estudos sobre o tema é muito grande, o desenvolvimento científico sobre esse tema atrelado a psicoterapia precisa avançar mais. Quanto ao uso nos casos de violência LGBT, a comunicação não-violenta se torna cada vez mais necessária.

Palavras-chave: comunicação; psicoterapia; lgbtfobia; violência; acolhimento.

ABSTRACT

LGBTphobia is a problem that is part of every LGBTQIAPN+ person's life. Brazil is the country that leads the ranking of the countries that kill the most LGBT people in the world, and that's not counting the countless cases of non-fatal violence that exist. People who suffer from this type of violence are fragile in many ways, be they physical, social, political, economic or mental. Non-violent communication combined with psychotherapy can become great allies in this process. In view of this, this study aims to understand how non-violent communication can help in welcoming LGBTQIAPN+ victims of violence into psychotherapy. The specific objectives are: to understand how non-violent communication fits into the context of psychology; to characterize the profile of LGBTQIAPN+ victims of violence; to understand how victims of LGBTphobia can benefit from non-violent communication in psychotherapy. This is a qualitative study, using the systematic literature review methodology, in the SCIELO, BVS and Periódicos CAPES databases, with articles published between 2013 and 2023. Following the planned phases, the results showed ten articles selected according to the specific objectives. The conclusion is that non-violent communication, when used professionally in psychotherapy, can help a lot in the therapeutic process of LGBT people who are victims of LGBTphobia, bringing more comfort and empathy both in terms of acceptance after the traumatic event and in relation to the other person's sexuality, which in this sense is what leaves the subject most vulnerable in society. However, the use of non-violent communication in psychotherapy can't just remain in practice, there is a scarcity of studies on the subject, and scientific development on this topic linked to psychotherapy needs to advance further. As for its use in cases of LGBT violence, non-violent communication is becoming increasingly necessary.

Keywords: communication; psychotherapy; lgbtphobia; violence; welcoming.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Número de trabalhos recuperados.....	25
Quadro 2	Lista dos artigos selecionados.....	28

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fases da pesquisa.....	26
-----------------	------------------------	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Estudos e regiões do Brasil.....	30
Gráfico 2	Anos dos estudos recuperados.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transsexuais
CNV	Comunicação não-violenta
CFP	Conselho Federal de Psicologia
LGBTQIAPN+	Sigla que representa cada um dos membros da comunidade, pela ordem das letras: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-Binárias e Mais.
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
SCIELO	Scientific Electronic Library Online Brasil
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Sobre a comunicação não-violenta (CNV).....	11
2.2 Sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e seus integrantes.....	14
2.3 Sobre a psicoterapia.....	18
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1 A comunicação não-violenta e a Psicologia.....	30
4.2 A pessoa LGBTQIAPN+ vítima de violência.....	32
4.3 A abordagem da comunicação não-violenta em pessoas vítimas de LGBTfobia.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a violência contra a população LGBTQIAPN+ tem crescido acentuadamente. A sigla LGBTQIAPN+, abrange uma população que sofre discriminação todos os dias e que luta por respeito, são eles: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-Binárias e Mais. O Mais representando todas as outras subclassificações existentes e que interagem dentro das categorias supracitadas (MOREIRA, 2022).

No relatório realizado pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil (2021), uma instância da sociedade civil autônoma em parceria com outras entidades, mostrou em seu dossiê do ano de 2021 com dados sobre essa violência, que houve 316 casos de violência contra uma pessoa LGBTQIAPN+ denunciados ao observatório, e dentro desses casos, 285 foram de assassinatos, 26 suicídios e 5 de outras causas.

Nos seus números de mortes, as duas posições do topo são homens gays com 45,89% dos casos, cerca de 145 denúncias; e travesti e mulher transsexual, com 44,62% dos casos, cerca 141 denúncias. Esses dados são coletados de forma anual. Além disso, o Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil (2021), ainda destaca que as mortes causadas por violência contra LGBTQIAPN+ aumentaram em 33,33% em 2021.

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2023) – ANTRA – uma rede nacional que tem parceria com outras instituições, promovendo cidadania para a população transexual e travesti, em 2023, também divulgou um dossiê sobre a violência contra travestis e transexuais no ano de 2022. Nesse dossiê, a associação destaca que no ano de 2022, eles dataram cerca de 131 assassinatos de pessoas trans. Desse número, 130 foram contra travestis e mulheres transexuais, e 1 contra homem trans. A média entre os anos de 2008 e 2022 foi de 121 assassinatos.

Esses dados mostram que a violência contra a população LGBTQIAPN+ continua crescendo, e apesar de todas as campanhas através do mundo por respeito a essa população, ainda assim, esses números assustam. Uma das formas mais comuns de violência contra essa parcela da população é a psicológica, antes da agressão física, a violência psicológica contra a pessoa LGBTQIAPN+ se mostra através da discriminação, exclusão, insultos verbais, violência psicológica, e na

maioria dos casos o primeiro ambiente a se iniciar esse tipo de violência é dentro de casa (GOMES et al., 2021).

Diante dos casos de violência e lgbtfobia sofridos pela população LGBTQIAPN+ no Brasil, a presente pesquisa surge como um estudo pautado na ciência psicológica para ampliação dos estudos sobre essa temática. Sabe-se que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo, e isso através de uma série de práticas de violência. Sobre isso, o Conselho Federal de Psicologia, em sua Resolução Nº 001/1999, estabeleceu algumas normas para atuação do psicólogo em situações envolvendo orientação sexual. No artigo segundo da resolução, o Conselho Federal de Psicologia deixa claro que “os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações” (CFP, 1999, p. 2).

Sendo assim, o presente estudo reforça a colaboração científica diante da ciência psicológica, refletindo sobre a contribuição da comunicação não-violenta para a prática do psicólogo em questões de LGBTfobia, a qual é a prática da violência cometida contra a pessoa LGBT. O presente estudo visa responder a seguinte questão: como a comunicação não violenta pode auxiliar no acolhimento psicoterapêutico de pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência? Para isso, busca-se com objetivos específicos: compreender como a comunicação não violenta se insere no contexto da psicologia; caracterizar o perfil das pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência; entender como as pessoas vítimas de LGBTfobia podem se beneficiar da comunicação não violenta na psicoterapia.

Apesar de a presente pesquisa ter como interesse primordial falar sobre a prática da psicoterapia pelos psicólogos através da comunicação não violenta, ou seja, destinada ao público profissional, ainda assim, esse estudo se mantém importante para os futuros profissionais da psicologia ainda em formação, os estudantes. A importância disso se dá, uma vez que não são todas as instituições de ensino superior que fornecem algum tipo de estudo específico sobre o acolhimento e demandas de orientação sexual ainda na graduação.

Esse tema é mais do que importante, afinal em qualquer local de exercício da profissão do psicólogo, o profissional vai se deparar com essas questões. Nesse sentido, as contribuições de novas possibilidades de abordagem dentro da psicoterapia, amplia ainda mais as técnicas e métodos utilizados unicamente para a saúde e bem-estar dos pacientes nos serviços psicológicos (LORIA et al., 2019).

Além disso, esse estudo se faz necessário, pois ele fornece uma alternativa de abordagem a esse público, LGBTQIAPN+, que sofreram algum tipo de violência. O livro **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs** (2019), feito pelo Conselho Federal de Psicologia, fornece uma série de relatos de narrativas de violência e discriminação sofridas por pessoas LGBTQIAPN+. Esses relatos são reais e só atestam que a violência contra essa população tem diversos tipos de características e formas.

De forma pessoal, o que despertou o interesse na pesquisa foi a escassez de estudos sobre a comunidade LGBTQIAPN+ dentro da graduação em Psicologia. Compreende-se que a formação de Bacharelado em Psicologia, abrange o ser humano em sua totalidade, sem distinções. Porém, é necessário haver disciplinas específicas sobre as formas de acolhimento a essa população, visto que para cada parte da população mundial as formas de violência são diversas e cada indivíduo lida com ela de forma diferente. Esse interesse tem como propósito trazer uma luz a esse tema dentro da perspectiva da Psicologia, assunto mais do que necessário nesse processo de graduação e formação do futuro profissional.

Dessa forma, a comunicação não violenta vem para auxiliar na tentativa de fornecer uma abordagem mais acolhedora, baseada no conhecimento sobre a pessoa vítima de violência, redução de conflitos e a compreensão de todo o contexto que envolveu a situação (ROSENBERG, 2006). Nesse sentido, a comunicação não violenta torna-se mais uma ferramenta de acolhimento em psicoterapia, que pode ser utilizada nos atendimentos pelo profissional psicólogo com as pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência. Tem-se por hipótese que a comunicação não violenta dentro da psicoterapia pode trazer uma contribuição de acolhimento mais humano para pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência.

Esta pesquisa foi motivada pelo interesse em abordar a temática LGBTQIAPN+ dentro da psicoterapia, uma vez que muitos psicólogos se formam e dentro de sua formação, enquanto estudantes, não possuem conteúdos sobre acolhimento a essa população de forma mais específica, ainda mais quando se trata do contexto que envolve violência. Sendo assim, o interesse primordial aqui é trazer como estudo, uma técnica que dentro da psicoterapia seria mais uma forma de abordar essa população que sente a violência constante dentro da sociedade. A falta desse tipo de conteúdo nas formações em bacharelado em psicologia, torna o futuro profissional despreparado para o acolhimento a essa parcela da população.

Por comunicação não violenta podemos entendê-la como uma ferramenta para diminuição de conflitos, algo que pode ser aplicado em diversos setores como familiar, escolar, hospitalar, jurídico, entre outros; com o propósito de ser uma prática restaurativa (PELIZZOLI, 2012). Nesse sentido, a psicologia em sua prática mais comum, a psicoterapia, pode se beneficiar também dessa técnica, principalmente quando envolver questões de violência contra pessoas LGBTQIAPN+, em que essa parcela da população se encontra cada vez mais amedrontada de seguir seus passos dentro da sociedade.

Para a construção deste estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, cujo método utilizado foi a revisão sistemática de literatura. Esse tipo de metodologia é importante, pois avalia produções já publicadas de forma sistemática, nesse sentido, os estudos contemplam uma fidedignidade muito maior em seus resultados (BRIZOLA; FANTIN, 2016). A base de dados utilizada foram os sites Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos CAPES e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Em relação ao andamento da pesquisa, ela iniciará com algumas informações que caracterizam a comunicação não violenta, tema central que acompanha o trabalho por completo. Nesse sentido, serão trazidos alguns autores que desenvolvem esse tipo de abordagem no Brasil e no mundo.

A seguir serão abordadas algumas classificações sobre a comunidade LGBTQIAPN+, por ser considerado de suma importância descrever as pessoas que estão envolvidas dentro da comunidade. Em seguida, serão abordados alguns pontos sobre a LGBTfobia e violência LGBTQIAPN+ no Brasil, apesar de existir alguns tipos de violência direcionadas a um público específico na comunidade, por exemplo, violência contra homens gays, a homofobia. Esta pesquisa se direcionará à violência destinada à comunidade LGBTQIAPN+ de forma geral, ou seja, a LGBTfobia, por considerar que esse tipo de violência está presente dentro da comunidade LGBTQIAPN+ de forma ampla.

A LGBTfobia pode ser entendida como qualquer tipo de violência praticada contra uma pessoa LGBTQIAPN+, nesse sentido, entram na perspectiva de LGBTfobia qualquer tipo de violência, a exemplo, as mais sutis como discriminação, formas de eliminação e silenciamentos, e até outras mais extremas como espancamentos, agressões físicas e psicológicas, assassinatos e estupros. Esse termo LGBTfobia é utilizado especificamente nesse contexto, em que o principal

motivo para a prática da violência contra essa população é a não aceitação, não respeito e intolerância à diversidade do outro (ROSA, 2017).

Em seguida serão discutidos alguns aspectos a respeito da psicoterapia e acolhimento em psicologia, tomando como base que a psicoterapia é a atuação mais comum do psicólogo, sendo também a área onde se concentram mais profissionais atuantes no mercado.

Por fim, serão discutidos aspectos envolvendo a atenção destinada às pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência, assunto bastante delicado e que se orienta exatamente à proposta de pesquisa deste trabalho. O atendimento à pessoa LGBTQIAPN+ vítima de violência é muito importante, e dentro dessa perspectiva, a presente pesquisa pretende elencar os pontos em que a comunicação não violenta pode ajudar nesta ferramenta de trabalho do psicólogo, a psicoterapia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo discursa sobre uma revisão de literatura que forma a base da pesquisa, na qual realiza-se uma descrição sobre a comunicação não-violenta com seus principais autores, seguida de uma breve apresentação sobre a comunidade LGBTQIAPN+ igualmente aos seus integrantes e por fim o texto transcorre sobre uma explicação a respeito da psicoterapia como prática do profissional da Psicologia.

2.1 Sobre a comunicação não-violenta (CNV)

De acordo com Weiss et al. (2018, p. 19) “a capacidade comunicativa não é privilégio dos seres humanos; ela é bastante complexa e pode ser encontrada em outros momentos da vida animal, nas aves, nos peixes, nos mamíferos e outros”. Nesse sentido, a comunicação exerce uma função a todos os seres, função essa que segundo Perles (2007) é de interação entre os seres através de dois pontos principais, a linguagem e a cultura.

A palavra comunicação “vem do latim ‘communis’, comum, o que introduz a ideia de comunhão, comunidade” (MELO, 1975, p. 14 apud PERLES, 2007, p. 2). Por essa razão, a cultura presente nas comunidades atrelada a linguagem reproduzida entre os indivíduos presentes, permite uma espécie de debate de compreensão produzindo a comunicação entre eles (WEISS et al., 2018).

A linguagem é o primeiro veículo de comunicação, ela é composta por um conjunto de sinais que se pode fazer alguma afirmação e comunicação sobre o mundo. Esses sinais, por sua vez, são compostos por palavras e essas palavras são originárias de uma comunidade, um povo, uma nação. Nesse sentido, a cultura está intimamente atrelada ao modo como determinado povo se comunica, pois é através da linguagem estabelecida por essa comunidade em relação aos seus costumes que a interação ocorre, essa interação é a capacidade comunicativa que existe entre eles (CITELLI, 2008).

Porém a linguagem não se restringe apenas às palavras, Weiss et al. (2018) pontua que dentro da perspectiva da linguagem, as pessoas se comunicam de forma verbal e de forma não verbal. De forma verbal através de palavras e da escrita, e de forma não verbal através de gestos, sons, atitudes, imagens entre outras. Nesse sentido, Weiss et al. ainda destaca que a comunicação possui alguns elementos, que se inicia através do:

[...] emissor: é o remetente, ou seja, o que envia uma mensagem; [...] receptor: é o destinatário da mensagem, isto é, para quem a mensagem foi ou será enviada; [...] mensagem: o que o emissor transmite e o que o receptor recebe; [...] canal de comunicação: meio pelo qual a mensagem pode circular: jornal, revista, televisão, rádio, folheto, folder, outdoor e o próprio ar; [...] código: é o meio através do qual a mensagem é transmitida, isto é, através da fala, da escrita, dos gestos ou das imagens; [...] referente: é o contexto ou a situação a que a mensagem remete (WEISS et al., 2018, p. 24-26).

Inicialmente a comunicação servia apenas como forma de proteção e caça, dessa forma, os homens caçadores se comunicavam entre si sobre a melhor forma de caçar seu alimento, como da mesma forma sobre o melhor meio de se proteger (PERLES, 2007). Atualmente, a comunicação ultrapassa o sentido de fala, escrita e sobrevivência. Comunicação nos dias de hoje é sinônimo de tecnologia, e cada vez mais com os avanços tecnológicos, as formas de comunicação ficam mais ampliadas e com um alcance cada vez maior (CITELLI, 2008).

Por fim, mesmo com toda ampliação da comunicação, ela só existe a partir do momento em que há uma interação entre duas ou mais pessoas, ou seja, para haver comunicação é necessário participação; caso essa participação não seja estabelecida, nas palavras de Weiss et al., (2018, p. 20) “[...] quando há um bloqueio, a mensagem não é captada e a comunicação é interrompida”.

Existem diversos tipos de comunicações, de várias formas e técnicas. Uma delas é a comunicação não-violenta (CNV), uma abordagem criada por Marshall Bertram Rosenberg que tem se tornado a cada dia uma perspectiva de comunicação bastante praticada e admirada mundialmente.

Marshal Rosenberg foi um importante psicólogo americano criador da abordagem da CNV, sua abordagem, consistia em trazer uma nova perspectiva de comunicação que desde então é utilizada e praticada em ambientes organizacionais, hospitalares, médicos, assistência social, entre outros. Uma perspectiva onde a comunicação pudesse ser colocada em prática através da compaixão (RIBEIRO; SEIBT, 2021).

A abordagem da CNV criada por Marshall Rosenberg, foi desenvolvida carregando traços da sua infância, onde dois episódios de violências principais em sua vida marcaram sua perspectiva. A primeira delas envolvendo assassinatos durante a segunda guerra mundial, e a segunda quando o próprio autor sofreu agressões físicas, espancamento, por alunos de sua classe. Por essas razões, Marshall Rosenberg iniciou seus pensamentos sobre o que leva o ser humano a ser agressivo com outro, e por qual motivo alguém pode ser agredido? E através desses questionamentos, criou a sua abordagem de comunicação (RIBEIRO; SEIBT, 2021).

A perspectiva trazida por Rosenberg sobre a CNV, é através da compaixão, ou seja, aquilo que se traduz como a compaixão. Rosenberg destaca que na sua abordagem, ele procura saber o que leva o ser humano a se entregar de coração em uma comunicação? Onde a expressão “violenta” na visão do autor, compõe aquilo que nem sempre as pessoas entendem como uma comunicação violenta, o autor afirma que mesmo sem identificar detalhadamente, algumas palavras induzem a dor, seja para o outro ou para a própria pessoa em seu interior (ROSENBERG, 2006).

No Brasil, Marcelo Luiz Pelizzoli, filósofo, mestre e doutor em filosofia e pós doutor em bioética, é um dos estudiosos que vem trazendo a perspectiva da CNV para as práticas no país, ele define a abordagem como:

[...] a CNV é a tomada de consciência de nossas necessidades, nossa humanidade, nossa capacidade de conexão e nossa capacidade de comunicação, para além de qualquer linguagem rebuscada ou especulações gramaticais e lógicas. Igualmente, colhe sua força não de um constructo artificial utilitarista que vem sanar algo, mas sim das vontades prementes de

entendimento, relação e superação de conflitos que habita em todo ser humano [...] (PELIZZOLI; SAYÃO, 2012, p. 17).

Marcelo Pelizzoli teve a oportunidade de realizar um curso sobre a CNV com o seu próprio criador, o Marshall Rosenberg em 2003. Sobre o curso que teve a oportunidade de realizar, Pelizzoli revelou que “não era apenas uma aula, mas um modo de acessar uma inteligência relacional em forma de linguagem, que toca virtudes fundamentais da vida social e dos grupos” (PELIZZOLI; SAYÃO, 2012, p. 16). Nesse sentido, Pelizzoli é uma das melhores referências quando o assunto é a CNV no Brasil.

De forma geral, a CNV é uma forma de troca através do diálogo, onde é possível identificar aquilo que fere ou incomoda cada um dos indivíduos, escolhendo respostas mais conscientes, baseadas na consciência. Dessa forma, é possível entregar-se por inteiro ao diálogo de forma honesta e clara, trazendo o que há de mais natural ao outro de forma empática e respeitosa (ROSENBERG, 2006).

2.2 A comunidade LGBTQIAPN+ e seus integrantes

Através do dicionário, a palavra comunidade é um substantivo feminino, quer dizer qualidade ou condição daquilo que é comum através de interesses. A palavra pode ser classificada como um “conjunto de pessoas que partilham o mesmo espaço geográfico e traços culturais e religiosos, as tradições e os interesses” (BECHARA, 2011, p. 333). Sendo assim, a comunidade é um grupo de pessoas que compartilham de um mesmo ponto, ou seja, aquilo que é de interesse para todos.

Muito se fala sobre o movimento da comunidade LGBTQIAPN+, mas essa comunidade se caracteriza de uma forma muito particular. Um dos autores mais consagrados quando o assunto é a comunidade LGBTQIAPN+ foi o autor João Silvério Trevisan; o autor articula que é através da singularidade de cada um que é possível construir o todo, nesse sentido, as poucas diferenças presentes nos integrantes da comunidade LGBTQIAPN+, fazem a diferença nesse todo que é a comunidade inteira, o autor diz o seguinte:

[...] ao trazer as singularidades para dentro de um agrupamento, define-se uma condição de pertencimento mútuo. Portanto, só haverá comunidade de fato quando o *todo* estiver representado no *uno*, e esse *uno* estiver presente no todo. [...] Se as singularidades devem ser incluídas no *todo*, a comunidade

que as acolhe deve, por sua vez, representar todas as diferenças. Consequentemente, não existirá uma comunidade acabada porque a inclusão das singularidades em seu seio propõe uma permanente reaglomeração, em perfeito estado de vir a ser (TREVISAN, 2018, p. 576).

Assim, o Trevisan aponta que as diferenças presentes na comunidade LGBTQIAPN+, é o elo que dá todo o sustento ao próprio movimento da comunidade. Outro autor que fala sobre a comunidade LGBTQIAPN+, dessa vez de uma forma diferente, é Renan Quinalha (2022), ele traz uma visão onde a base da comunidade LGBTQIAPN+ seria a troca de experiências, as diferenças não são descartadas, porém a experiência, em suas palavras, é o que permite uma ação transformadora. O autor destaca que:

[...] Mesmo sem conhecer pessoalmente todos os outros indivíduos iguais a você nos quesitos orientação sexual e identidade de gênero, há uma série de referências compartilhadas que vão sendo descobertas, aprendidas e ensinadas entre gerações, conectando sujeitos para além da contingência de suas experiências (QUINALHA, 2022, p. 20).

As experiências mais compartilhadas dentro da comunidade LGBTQIAPN+, segundo o autor, conduzem a uma força em grupo enquanto comunidade. Nesse sentido, os interesses compartilhados entre os indivíduos dessa comunidade são as próprias experiências.

A comunidade LGBTQIAPN+ se tornou sinônimo de acolhimento às diferenças, e a sigla é o símbolo dessa diferenciação e união. A sigla LGBTQIAPN+ diz respeito aos representantes dessa comunidade, que são (na ordem das letras): Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/transgênero/travestis, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-binárias e outros simpatizantes ao movimento (BORTOLETTO, 2019).

A primeira diferença dentro da comunidade LGBTQIAPN+ que precisa ser esclarecida, como questões básicas de compreensão da comunidade, é a questão da identidade de gênero e da orientação sexual.

A identidade de gênero se destina aquilo que a pessoa compreende enquanto gênero social. O gênero em sociedade se define em duas posições, masculino (homem) e feminino (mulher), de forma social as pessoas são criadas por seus familiares de acordo com o que eles designam como “gênero apropriado” para aquela criança. Nesse sentido, o gênero vem acompanhado do sexo, a partir do que se compreende como vagina e pênis, a sociedade tende a afirmar quem será o homem

e quem será a mulher, a partir disso a pessoa se comporta através do gênero social que lhe é atribuído (JESUS, 2012).

Sobre a orientação sexual, se destina aquilo que desperta o interesse sexual da pessoa diante do outro. Nesse sentido, alguém que se orienta sexualmente ao sexo oposto, é heterossexual; alguém que tem sua orientação voltada a alguém do mesmo sexo, é homossexual, por exemplo (JESUS, 2012).

Essa diferença básica de compreensão sobre a comunidade LGBTQIAPN+ é importante, pois o entendimento dessas classificações explica as formas de vivência de todos os integrantes da comunidade, de forma breve e resumida, o portal Orientando.ORG (2016), é um portal que disponibiliza diversas discussões a respeito da população LGBTQIAPN+, nele é possível encontrar as características sobre cada um dos integrantes que estão descritas a seguir:

Lésbicas (L) e Gays (G), são pessoas que sentem atração por outros indivíduos do mesmo sexo; Bissexuais (B) são pessoas que sentem atração pela binaridade de gênero estabelecida, pessoas do gênero masculino e feminino; Travestis, Transgênero e Transsexuais (T), em ordem, as travestis são pessoas “transfemininas”, nesse sentido são pessoas que vivem essa identidade feminina sem serem classificadas como transsexuais ou transgêneros, são pessoas que tiveram como gênero designado o masculino, porém vivem livremente sua identidade feminina, transgênero são pessoas que nasceram com um tipo de gênero designado porém se compreendem e se entendem com outro tipo de gênero, essas pessoas não se classificam nas categorias de pessoas que fizeram a cirurgia de redesignação de gênero, transsexuais são pessoas trans que optaram por fazer um ou mais tipos de cirurgias de adequação do seu gênero pessoal; Queer e Questionando (Q), queer se designa a pessoas “estranha”, nesse sentido, são pessoas que optam por esse termo para não se encaixar nas identidades de gênero e orientação sexual já classificadas, questionando são para pessoas que não sabem ainda definir a sua identidade; Intersexo (I) são pessoas que não se encaixam na binaridade de sexo, sexo masculino e sexo feminino, porém de forma biológica, através de cromossomos, genitais, hormônios entre outros; Assexuais, Arromânticos e Agênero, são classificados como pessoas que não sentem nenhuma ou pouco desejo sobre determinada ação, no caso dos assexuais, não sentem nenhuma ou pouca vontade de atividade sexual, arromânticos, nunca ou raramente se apaixonam, agênero são pessoas que não se sentem contempladas nas classificações de gênero existentes; Pansexuais e

Polissexuais (P), pansexuais são pessoas que sentem atração por todos os gêneros, polissexuais são pessoas que sentem atração por muitos gêneros, não todos; Não-binárias (N), são pessoas que não são somente, completamente e sempre homens e mulheres, são pessoas que se identificam com vários gêneros, gêneros separados, sem gênero definido. E ainda existe a classificação “Mais” (+), que significam todas as possibilidades de identificação e simpatizarão com as classificações da comunidade LGBTQIAPN+ já determinadas, essas classificações estão melhor descritas no portal Orientando.ORG (2016).

A criação da comunidade LGBTQIAPN+ foi a partir de questões que deixavam os integrantes dela desconfortáveis. Desde muito tempo a sexualidade das pessoas foi algo sempre questionada e, por muitas vezes, silenciada. A ideia de se criar uma comunidade, é muito mais do que integrar pessoas em um grupo, fala mais sobre o pertencimento dessas pessoas e o quanto elas podem ter sua liberdade sexual através das próprias vozes. Portanto, desde cedo as pessoas iniciaram os movimentos da comunidade LGBTQIAPN+ para ganhar o seu espaço, como afirma Quinalha (2022, p. 104) quando diz que:

“[...] pessoas que desejavam outras do mesmo sexo ou, ainda, aquelas que não se conformavam aos padrões binários de gênero desafiaram a sociedade hétero e cisnormativa organizada no Brasil, ao menos desde o violento processo de colonização.

Nesse sentido, a comunidade LGBTQIAPN+, funciona muito mais que um acolhimento as diferenças, é uma forma de intensificar um movimento que acolhe, luta e conta a história dos seus integrantes (TREVISAN, 2018). Diante de todas essas questões, o movimento da comunidade LGBTQIAPN+ se torna mais visível, porém toda essa visibilidade também intensifica ainda mais outro fator preocupante à comunidade: a LGBTfobia.

A LGBTfobia é toda e qualquer tipo de violência, discriminação, agressão, silenciamento, afastamento contra alguém LGBTQIAPN+. Esse tipo de violência específico dessa comunidade, é uma questão estrutural, dessa forma, é algo que “já faz parte” do imaginário e da construção social, a pessoa LGBTQIAPN+ sofre discriminação através de uma dimensão social que passa de geração em geração (PEDRA, 2018).

As pessoas LGBTQIAPN+ são altamente propensas a serem vítimas de violência no país. O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo, e no topo desse ranking estão os assassinatos contra pessoas trans, na classificação pessoas transsexuais, transgênero e travestis. As pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ são acometidas por violências em grande escala por questões de identidade de gênero e orientação sexual na maioria das vezes, ou seja, por apenas serem quem são (GOMES, 2021).

A maioria das formas de violência contra a população LGBTQIAPN+ são homicídios e assassinatos, latrocínio que é o roubo seguido de morte, e outros. Dentro desses tipos, as formas mais comuns são o uso de arma de fogo e esfaqueamento, normalmente ocorrendo no período da noite. O suicídio também conta como um tipo de violência, dessa vez, praticada pelo próprio indivíduo (DOSSIÊ, 2021).

Em meio a tantos tipos e formas de violências diferentes, as pessoas LGBTQIAPN+ podem se sentir desamparadas e deslocadas socialmente, o que pode prejudicar de diversas maneiras a sua saúde mental. A psicoterapia como ferramenta de exercício da profissão do profissional da psicologia, pode ser uma ferramenta de grande ajuda para a população LGBTQIAPN+

2.3 Sobre a psicoterapia e acolhimento LGBTQIAPN+

A palavra psicoterapia se popularizou através de Hippolyte Bernheim, que foi a primeira pessoa a chamar por esse nome. Para conseguir a compreensão sobre essa palavra ele articulou o sentido das sessões semanais como algo terapêutico ao paciente e adotou o nome psicoterapia para nomeá-la (CORDIOLI; GREVET, 2018).

A psicoterapia tem sua formação em diversas áreas do conhecimento como a psicologia, psiquiatria, medicina, filosofia, sociologia, entre outras. Por essa razão, a psicoterapia tem duas bases centrais, as ciências da saúde e as ciências humanas. A partir disso foram sendo criadas diversas perspectivas teóricas onde a prática da psicoterapia pode ser realizada como a psicanálise, a terapia comportamental, terapia existencial, humanista e centrada na pessoa, entre outras mais atuais que fazem parte da composição dessas mais antigas (CORDIOLI; GREVET, 2018).

Um dos autores mais renomados quando o assunto é psicoterapia, é Jorge Ponciano, em seu livro *Psicoterapia: teoria e técnicas psicoterápicas*, o autor aborda a psicoterapia em sua essência. O texto foca mais numa perspectiva fenomenológica

humanista, o que pode prejudicar um pouco o olhar das outras vertentes teóricas, ainda assim o essencial sobre a psicoterapia pode ser absolvido de forma clara.

Para Jorge Ponciano, a psicoterapia é um tratamento entre um cliente e um psicoterapeuta. Parece simples, porém, essa é a essência que estrutura a psicoterapia, o psicoterapeuta é a pessoa que conhece o processo, e dentro desse processo existe uma evolução, essa evolução se constrói a partir de uma escuta terapêutica de forma progressiva. Da perspectiva do cliente, ele entrega suas questões aos cuidados do psicoterapeuta, nesse sentido há uma relação de troca, e essa relação estabelece o funcionamento da psicoterapia (RIBEIRO, 2013).

Quem esclarece melhor essa relação em terapia é Contardo Calligaris, que foi um importante escritor, dramaturgo e psicanalista brasileiro, que desenvolveu um livro chamado *Cartas a um Jovem Terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. Nesse livro o autor “conversa” com seus leitores a respeito de como é uma clínica psicoterapêutica, e em suas palavras, a relação em terapia seria baseada na identificação e um pouco mais que isso, o autor escreve que “claro, nenhuma terapia é baseada na simples identificação com o terapeuta, mas nenhuma funciona sem algo disso – afinal, frequentemente, escolhemos um terapeuta que não seja muito diferente de quem gostaríamos de ser” (CALLIGARIS, 2021, p. 43).

Dentro dessa perspectiva, a forma mais comum de se exercer a psicoterapia é através da clínica psicológica, a área de atuação da psicologia mais procurada.

Em novembro de 2022, o Conselho Federal de Psicologia, divulgou através de dois livros publicados de forma digital, um censo em relação ao funcionamento da Psicologia no Brasil. Nos dados atribuídos a edição número um dos livros, mostrou-se que 85,0% dos psicólogos do país estão em atividade no momento, isso em números reais de acordo com o censo daria um total de 17.176 profissionais atuantes no mercado. Nessa perspectiva, a área de atuação que existe mais profissionais atuando, é a psicologia clínica, 73,2% dos profissionais são psicólogos clínicos, em números reais, seria um total de 12.569 profissionais (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022).

Esses dados mostram que a área onde mais se concentram profissionais formados em Psicologia no país, é a área da Psicologia clínica.

Se tratando da saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+, a psicoterapia pode ser uma grande aliada nesse processo, ainda mais quando se trata de pessoas da comunidade, vítimas de violência. O Conselho Federal de Psicologia (CFP), em seu

livro Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs (2019), mostra diversos depoimentos de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, expondo as formas de violência que já passaram, os depoimentos são fortes, a seguir serão abordados alguns depoimentos que existem no livro.

Depois que eu mudei de uma escola pública para outra, isso na antiga 5ª série do ensino fundamental, ou no 6º ano do ensino fundamental, eu comecei a sofrer bullying. Os garotos começaram a falar que eu era bichinha, que eu era boiolinha e tal e foi a primeira vez que eu comecei a ter contato com essas palavras na minha vida. A energia que vinha, a forma como eu era afetado por aquilo é que me fez perceber que aquilo era ruim. Depois que eu fui juntar que bicha e boiola era gostar de menino. Então, eu entendi que realmente aquilo que aqueles meninos estavam dizendo era alguma coisa completamente negativa e que eu precisava me livrar (CFP, 2019, p. 24)

Depoimento de um homem gay, cis, branco, de 31 anos de idade.

E para completar, por exemplo, lá no Hospital Espírita Kardecista – eu já tinha me empoderado da minha identidade de gênero – também não aceitavam isso, tanto que eu fiquei em um pavilhão feminino. Eu acho que eram 30 ou 40, não sei, mulheres no pavilhão que eu estava, e eu lá, sendo tratada o tempo inteiro por nome de registro. E isso também me humilhava, sabe? Me fazia ficar mal. Essas coisas é que me deixavam mal, na verdade, eu não tinha problema nenhum comigo (CFP, 2019, p. 27).

Depoimento de uma pessoa não-binária, intersexual, pansexual, de 26 anos de idade, a raça não foi declarada.

Eu tinha essa ideia que precisava escrever os meus sentimentos e aí, nessa, eu refletia sobre os rapazes que eu via na internet, ou que eu convivia e gostava e tudo mais. Aí ela (a mãe) acabou encontrando (as anotações) na minha gaveta, leu e veio me questionar. Eles (os pais) vasculharam minhas coisas e descobriram essas anotações que geraram essa dúvida. E aí minha mãe resolveu perguntar e eu já consegui ver a frustração no olhar deles e resolvi falar que eu tinha dúvida porque fiquei com medo da reação deles. Eu já vi que ela não ia encarar de uma maneira tranquila o que ela tinha acabado de ler. Então, eu tentei atenuar aquela informação falando que eu tinha dúvida, que era só para ver se dava uma freada no baque que eles tinham sofrido. E aí eu lembro que meu pai quis me bater (CFP, 2019, p. 41).

Depoimento de um homem gay, cis, pardo, de 26 anos de idade.

Esses depoimentos são apenas alguns, dos muitos, que reforçam ainda mais a importância e a necessidade de um acompanhamento psicológico para os integrantes da comunidade LGBTQIAPN+. O Ministério da Saúde publicou a Portaria Nº 2.836 de Dezembro de 2011, que “institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde

(SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais” (BRASIL, 2011, p. 1).

Essa portaria consiste em regras para a assistência a pessoa LGBT no âmbito da saúde pública do país. Porém, a própria cartilha que fala sobre as regras de exercício da portaria está desatualizada, foi publicada em 2013 e desde o ano de sua publicação a portaria não passou por atualizações. A primeira percepção que se tem sobre essa desatualização, é a sigla presente na portaria, a sigla da comunidade é antiga, “LGBT”, agora a sigla é bem maior por contemplar mais pessoas e mais formas possíveis de vivência. No entanto, pelo fato da cartilha e a própria portaria não terem atualizações, fica cada vez mais difícil uma assistência adequada a todos os integrantes da comunidade LGBTQIAPN+ (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Porém, ainda assim, por menor que seja a assistência a essa parcela da população, a Política Nacional de Saúde Integral, ainda contempla aspectos mínimos sobre a saúde mental de pessoas LGBT. Nessa cartilha, o Ministério da saúde (2013) deixa claro as considerações sobre a saúde mental LGBT; sobre a promoção de saúde mental dessa população; articulação das regionais sobre políticas de assistência a saúde mental da população LGBT; a promoção de ações práticas e educativas sobre saúde mental LGBT.

A saúde mental das pessoas LGBTQIAPN+ é uma questão que precisa ser explorada, e a psicologia com a sua prática da psicoterapia, são grandes aliadas nessa situação. Onde o acolhimento a essas pessoas precisa ser feito entendendo e validando as suas diferenças.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa científica é um ponto bastante presente na vida acadêmica de quem deseja seguir a carreira de pesquisador. O primeiro contato com a pesquisa é ainda dentro da graduação, e o desenvolvimento dela pode ser realizado dentro da própria graduação, em uma pós-graduação ou em outros projetos. Os principais tipos de pesquisa são as iniciações científicas, as monografias de trabalho de conclusão de curso e mestrado, e as monografias de doutorado, essas em especial com as teses a serem defendidas; o primeiro passo para o desenvolvimento de uma pesquisa científica é a elaboração do seu projeto, ele que dá início a toda a estrutura que vai dar continuidade e finalização ao trabalho acadêmico (OLIVEIRA, 2011).

A pesquisa científica se caracteriza pelo rigor e sua seriedade. Mantendo sempre uma metodologia e técnicas específicas, ela se desenvolve para benefício social, ou seja, as pesquisas científicas desenvolvidas em todo o mundo tornam-se após a sua finalização algo de utilização da própria sociedade (OLIVEIRA, 2011).

A abordagem da presente pesquisa é a abordagem qualitativa, que nesse estilo, o pesquisador não se preocupa com questões de representatividade numérica, e sim sobre aquilo que se pode aprofundar sobre o fenômeno, grupo social, organização que será pesquisado. Dessa forma, "os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito" (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Porém, dentro desse tipo de abordagem de pesquisa científica, é necessário estar atento ao juízo de valor que o próprio pesquisador lança ao mundo, pois "na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas" (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Sendo assim, o próprio pesquisador pode estar inserido no ambiente que pretende ser pesquisado.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Se tratando da metodologia utilizada na pesquisa em comunhão à abordagem qualitativa, a metodologia é a revisão sistemática de literatura. Esse estilo de pesquisa tem por objetivo analisar textos já publicados, ou seja, conhecimentos científicos sobre determinado tema já disponíveis para estudo, onde o autor possa analisar o estágio que existe atualmente sobre determinado tema, e só assim é possível achar outros espaços para o desenvolvimento de novas pesquisas (BRIZOLA; FANTIN, 2016).

Como revisão sistemática de literatura, Galvão e Ricarte (2019) fazem um detalhamento bem estruturado sobre o estilo da pesquisa:

É uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto. Está focada no seu caráter de reprodutibilidade por outros pesquisadores, apresentando de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultadas, as estratégias de busca empregadas

em cada base, o processo de seleção dos artigos científicos, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e o processo de análise de cada artigo (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 58-59).

Portanto a revisão de literatura sistemática, segue um padrão de estruturação, sem lacunas ou aberturas em seu procedimento. Trazendo dados mais fiéis e confiáveis, onde sua estrutura é delimitada e exposta para preservação e fidedignidade dos métodos utilizados.

Assim, esse estudo buscou revisitar trabalhos já publicados sobre a questão da psicoterapia com pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência, sob o viés da abordagem da comunicação não-violenta. Para isso, utilizou-se as seguintes bases de dados:

- Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)
- Periódicos CAPES e
- Scientific Electronic Library Online Brasil (SCIELO).

Nessa investigação, foram utilizados os seguintes descritores: comunicação, violência, psicoterapia e pessoa LGBT.

Sobre os descritores utilizados para pesquisa, foram todos localizados dentro da lista de descritores da BVS, o descritor “comunicação” está selecionado nesta lista, inclusive faz-se necessário pontuar que: apesar da presente pesquisa se referir a comunicação como “comunicação não violenta”, o descritor usado para localização dos artigos foi apenas “comunicação”, uma vez que seria a forma mais simples para conseguir localizar os trabalhos científicos.

Comunicação não violenta como descritor, foi considerado específico demais, pondo em risco o verdadeiro objetivo dessa pesquisa. Nesse sentido, apesar do descritor comunicação ser altamente amplo, sendo inserido em diversas perspectivas e áreas do conhecimento, para a presente pesquisa será considerado apenas os trabalhos que tenham alguma referência à comunicação não violenta.

Em relação ao descritor “violência” o mesmo método de escolha se aplica ao descritor supracitado. Dessa forma, por ser muito amplo, será considerada apenas como violência direcionada à pessoa LGBT, ou seja, a LGBTfobia. O descritor violência também faz parte dos descritores da BVS.

Sobre a psicoterapia, também é um descritor que foi localizado na base de descritores da BVS, nesse sentido, o descritor é bastante específico, como se trata da

psicoterapia, não há qualquer risco de ocorrer uma mistura de descritores entre os trabalhos recuperados, por se tratar de um tipo de terapia restrita ao psicólogo.

Por fim, o descritor “pessoa LGBT” também faz parte da lista de descritores da BVS. Dessa forma, atrelado ao tema da presente pesquisa, serão considerados apenas os trabalhos com relação à temática de violência LGBT, a LGBTfobia. É importante ressaltar que entre os descritores com a sigla LGBT, não foi encontrado um descritor com a sigla completa, LGBTQIAPN+, portanto ele não será utilizado. Será utilizado apenas “pessoa LGBT” pois este foi o descritor com mais trabalhos captados para a pesquisa.

Primeira fase:

Em uma primeira pesquisa, apenas através dos descritores, sem maiores critérios ou delimitações, através das bases de dados Scielo, BVS e Periódicos CAPES, obteve-se o resultado de 3.212 trabalhos recuperados. Em seguida foram aplicados alguns critérios de inclusão e exclusão dos materiais recuperados.

Segunda fase:

Como critérios de inclusão, buscou-se artigos que estivessem dentro das seguintes perspectivas:

1. ser apenas artigo como trabalho acadêmico;
2. artigos cujo ano de produção e publicação esteja entre 2013 até 2023;
3. artigos em língua portuguesa.

Como critério de exclusão, retirou-se artigos que não estivessem nas seguintes perspectivas:

1. trabalhos acadêmicos que não fossem artigos, como dissertações de mestrado, monografias de teses de doutorado, resumos;
2. que estivessem fora da margem dos anos estabelecidos, entre 2013 até 2023;
3. artigos de língua estrangeira;

É necessário pontuar que no momento de estabelecer os critérios de pesquisa na base de dados do Periódicos CAPES, o próprio sistema da plataforma não autorizou a pesquisa com o período estabelecido de 10 anos, ou seja, entre 2013 e 2023. A pesquisa na base de dados só foi realizada no período entre 2014 e 2021, logo entende-se que tanto antes do ano de 2014 quanto após o ano de 2021, não foram elaborados trabalhos acadêmicos com esse tema, ou abordando os presentes descritores. Em relação a essa observação, a localização dos dados um pouco fora do tempo previsto, não prejudicou em nada a captação dos trabalhos.

Terceira e última fase:

Diante desses critérios, foi possível obter os seguintes resultados nas buscas:

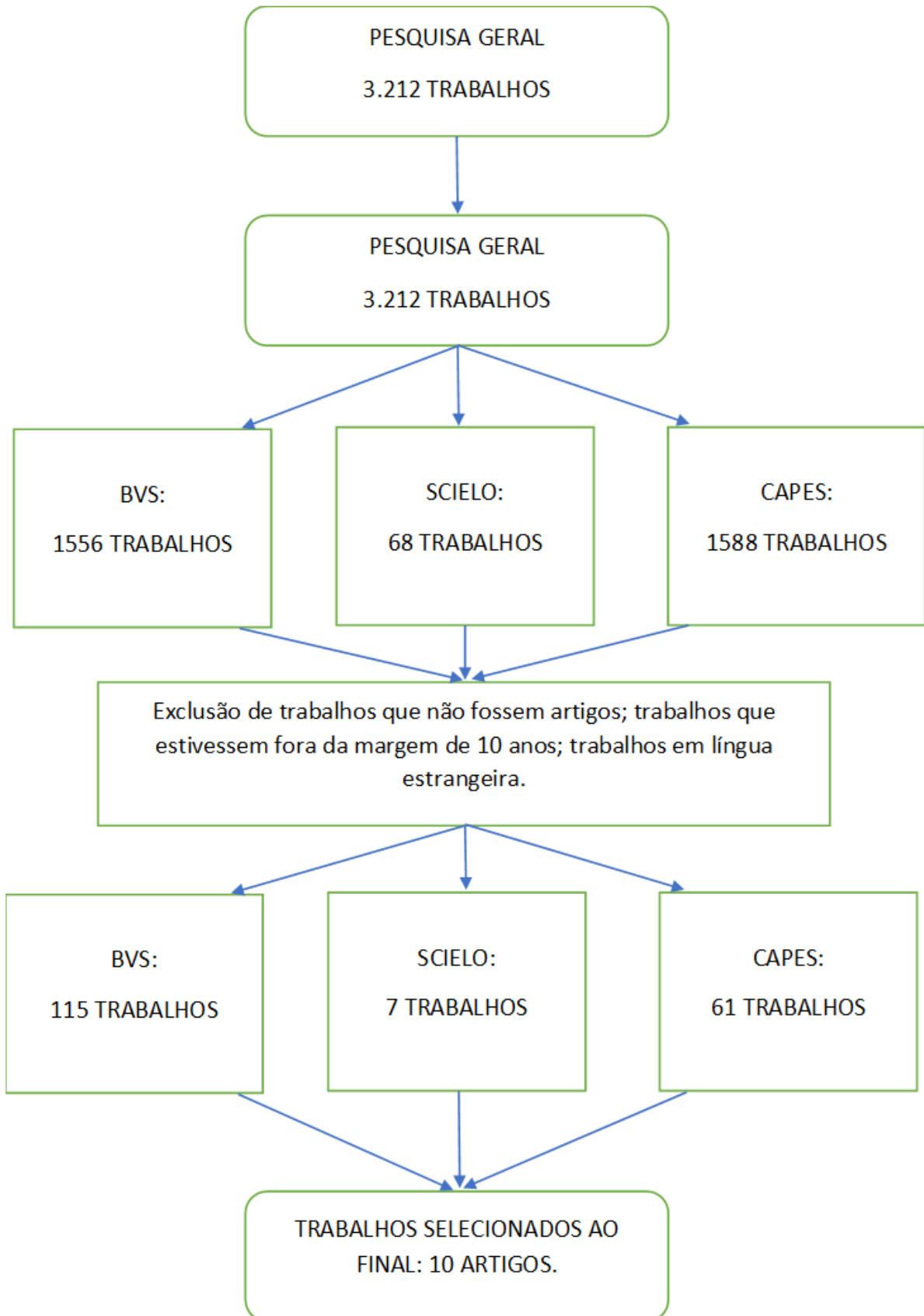
Quadro 1: Número de trabalhos recuperados:

BASE DE DADOS	Nº DE TRABALHOS LOCALIZADOS
BVS	115
SCIELO	7
PERIÓDICOS CAPES	61
TOTAL	183

(fonte: criação própria)

Em seguida através da verificação dos temas dos trabalhos, foram observados se eles estariam dentro da proposta abordada na presente pesquisa, selecionando apenas 30 artigos. Após isso, houve a leitura dos resumos e exclusão de alguns artigos que estariam repetidos. Dos que estariam conforme o tema, serão utilizados 10 trabalhos como resultados obtidos.

Abaixo pode-se verificar o passo a passo para obtenção dos resultados de uma forma mais resumida por meio de um fluxograma. Nele se pode observar todas as etapas e o número de trabalhos recuperados em cada uma delas até o resultado.

Figura 1: fases da pesquisa - (fonte: criação própria)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação aos resultados em um primeiro momento é importante frisar a escassez de estudos sobre comunicação não-violenta e a comunidade LGBTQIAPN+, algo que deveria ser bastante discutido pois a comunicação é a ferramenta mais importante para o diálogo e compreensão da diversidade do mundo. A utilização da comunicação não-violenta em estudos sobre a comunidade LGBTQIAPN+ pode desenvolver uma outra visão no acolhimento e compreensão das necessidades desse público.

Outro ponto importante é entender as limitações de cada uma das plataformas de pesquisa, as bases de dados. No caso da plataforma Periódicos CAPES, o próprio sistema da plataforma não autorizou a pesquisa com o período estabelecido de 10 anos, ou seja, entre 2013 e 2023, porém, isso não impossibilitou que a pesquisa fosse realizada. É preciso levar em conta alguns pontos como esse de diversas outras bases de dados, pois pode acontecer de algo precisar ser alterado durante a pesquisa, que não foi o caso do presente trabalho, ou até mesmo alterar a base de dados escolhida. As alterações precisam priorizar sempre a preservação do estudo.

Observou-se também uma escassez de estudos sobre a comunicação não-violenta e a psicoterapia, levando em consideração que a abordagem foi criada por um psicólogo americano, Marshall Rosenberg, ainda assim existem poucos estudos explorando a comunicação não-violenta dentro da psicoterapia. Algo que poderia muito bem ser elaborado já que a comunicação é o objeto principal a ser utilizado no acolhimento psicoterapêutico, seja ela verbal ou não verbal.

Quadro 2: Lista dos artigos selecionados:

ANO	TÍTULO	AUTORES	METODOLOGIA	REVISTA
2016	A experiência do projeto de extensão: Una-se contra a LGBTfobia: ações a favor de uma cultura do respeito à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário.	REIS, R. A.; BENITEZ, G.	Qualitativa/Relato de experiência.	Dossiê: Gênero e Violência na população LGBTTTQI no Brasil.

2017	Discursos e posicionamentos em um encontro de diálogo sobre violência a LGBT's.	APOSTOLO, M. V. A.; MOSCHETA, M. S.; SOUZA, L. V.	Pesquisa de campo/Qualitativa exploratória.	Psicologia USP.
2018	Assassinatos de lgbt's no Brasil: uma análise de literatura entre 2010-2017.	DE SOUZA et al.	Qualitativa descritiva/Revisão de literatura integrativa.	Revista Periódicus.
2019	A empatia e a mediação de conflitos - uma perspectiva baseada na comunicação não-violenta.	SEPAROVIC, E.	Revisão de literatura.	Jornal jurídico.
2019	Empatia na mediação: a contribuição da comunicação não-violenta.	REIS, C. S.	Revisão de literatura.	Jornal jurídico.
2019	Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas.	FERREIRA, V.; SACRAMENTO, I.	Estudo qualitativo histórico.	Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde.
2019	Da comunicação não-violenta à cultura de paz: círculos, narrativas e contribuições.	DE ALMEIDA C. D.; OLIVEIRA, S. B.; BRUM, L. S.	Estudo bibliográfico documental.	Revista observatório.
2020	A violência homofóbica no Rio de Janeiro a partir do Jornalismo digital.	SILVA, S.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, Q. B. M.; PINTO, L. W.	Pesquisa documental.	Interface.
2021	As aproximações teórico-práticas entre a Gestalt-Terapia e a comunicação não-violenta.	SPINDOLA, J.; MAES, K.; TESSARO, L. G. S.	Revisão de literatura.	Revista da abordagem Gestáltica.
2021	Integrantes de movimentos LGBT+ e enfrentamento da LGBTfobia.	DE TILIO, R; SILVEIRA, F. G.	Qualitativa exploratória/Entrevista semiestruturada.	Revista Sociais e Humanas.

(fonte: criação própria)

Os estudos selecionados, foram analisados segundo os objetivos específicos deste trabalho, a saber: compreender como a comunicação não-violenta se insere no

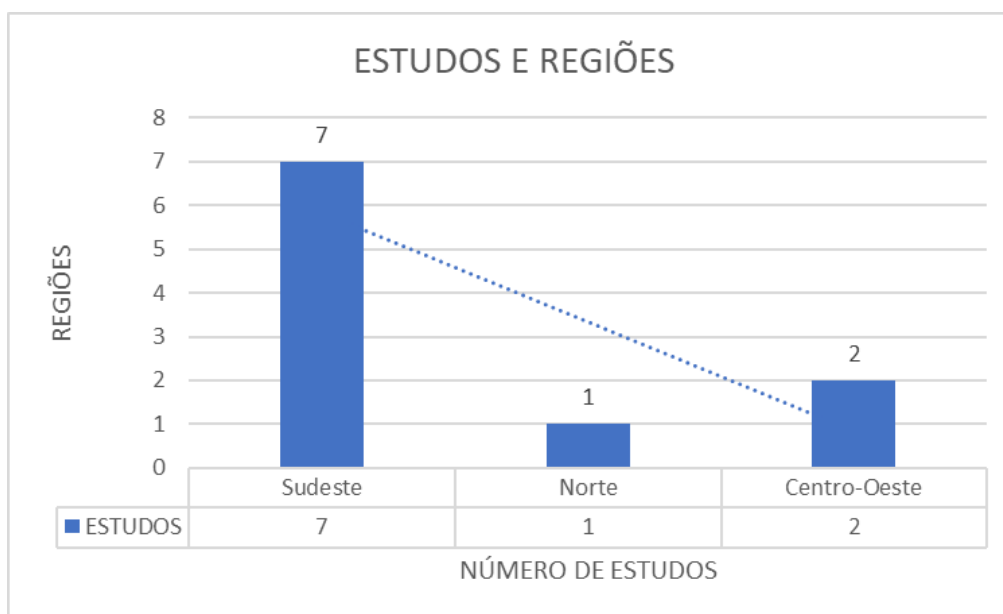
contexto da psicologia; caracterizar o perfil das pessoas LGBTQIAPN+ vítimas de violência; e, finalmente, entender como as pessoas vítimas de LGBTfobia podem se beneficiar da comunicação não-violenta na psicoterapia.

No decorrer desse estudo foram considerados outros aspectos importantes que ajudam na compreensão do que se propõe a pesquisa. São questões que serão discutidas ao longo do texto colaborando com a compreensão do presente estudo, baseado não só nos objetivos específicos como no objetivo geral também.

Um desses aspectos importantes são as regiões predominantes dos estudos. Cada um dos estudos selecionados, foram produzidos em uma determinada região do país, levando em consideração que foram selecionados apenas estudos em língua portuguesa, portanto, esses estudos são inteiramente brasileiros. A região de maior concentração dos estudos foi a região Sudeste, mais precisamente nas regiões de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo; em seguida, a região Centro-Oeste com estudos realizados no Mato Grosso; e por fim, a região Norte, concentrando-se na região do Amazonas.

Segue abaixo um gráfico com essas regiões e o número de estudos correspondente a cada uma delas:

Gráfico 1: Estudos e regiões do Brasil.

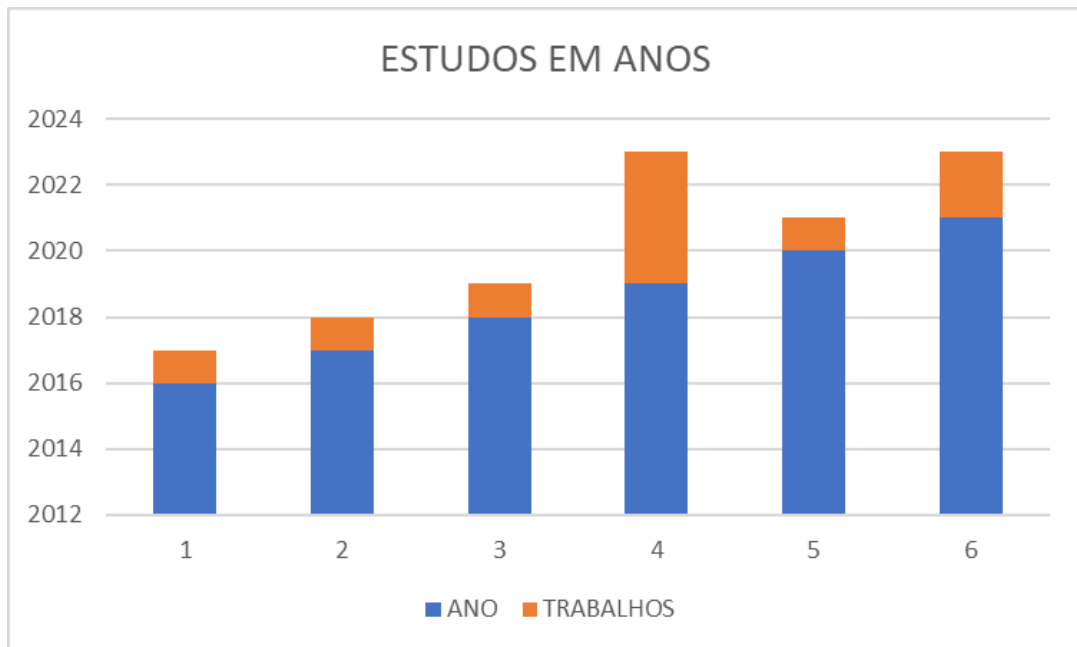


(fonte: criação própria)

Outro aspecto importante nos estudos encontrados são os anos de publicação, onde a maior concentração desses estudos ocorreu no ano de 2019, seguido do ano de 2021, e por fim 2016, 2017, 2018 e 2020 cada um com um estudo escolhido. É importante ressaltar que entre os anos de 2020 e 2021, foram os anos de maior enfrentamento à pandemia da COVID-19, dessa forma, as produções de estudos científicos diminuíram significativamente.

Abaixo tem-se um gráfico com os anos de cada um dos estudos e a quantidade de trabalhos recuperados:

Gráfico 2: Anos dos estudos recuperados.



(fonte: criação própria)

4.1 A comunicação não-violenta e a Psicologia:

As diversas formas e possibilidades de comunicação, são os principais fatores que desenvolvem a psicoterapia, dessa forma, o psicólogo utiliza de seus saberes da ciência psicológica para compreender o outro, sendo assim, a principal ferramenta que a psicologia utiliza em sua profissão, é a comunicação (SPINDOLA; MAES; TESSARO, 2021). Se tratando da comunicação não-violenta e psicologia, a mediação de conflitos é o principal uso dessa abordagem, onde se estabelece uma conexão

empática diante do outro para desenvolver um diálogo mais adequado para cada situação específica (SEPAROVIC, 2019).

Um ponto em comum entre a psicologia e comunicação não-violenta, é a empatia, de forma geral, compreendida como a capacidade de se colocar no lugar do outro (SEPAROVIC, 2019). Esse fenômeno está no centro do que podemos compreender sobre como a comunicação não-violenta funciona, Marshall Rosenberg (2006) identifica a empatia em sua abordagem com alguns pontos principais como: esvaziar a mente para ouvir sem julgamentos; fazer perguntas antes de lançar algum conselho ou orientação; estar sempre disponível às informações; captar sentimentos e validar conforme as emoções. Nesse sentido, a empatia se faz presente tanto, na prática de acolhimento psicológico quanto dentro da abordagem da comunicação não-violenta.

Se tratando dos contextos de violência, a comunicação não-violenta desenvolve uma espécie de “círculo de paz”, onde se estabelece outro tipo de construção de relação social, dessa vez, o incentivo à humanização dos sujeitos em questão, esses círculos de paz não originários de indígenas norte-americanos, onde se desenvolvia uma roda de diálogos para discutir questões importantes dentro da comunidade (ALMEIDA; OLIVEIRA; BRUM, 2019). A comunicação não-violenta também utiliza do diálogo em paz para desenvolver a sua abordagem, uma vez que em ambientes violentos, a raiva, um sentimento comum nessas situações, pode surgir devido às tensões dinamizadas naquele local, é importante salientar que o trabalho interno é muito importante, uma vez que a raiva que se expressa por meio de agressões, é apenas o ponto mais superficial daquilo que o sujeito realmente sente e não consegue elaborar diante de si (ROSENBERG, 2006).

A comunicação não-violenta em parceria com a psicologia também traz um olhar mais humano à psicoterapia, pois através da empatia e do estabelecimento da cultura de paz, o encontro pode ser desenvolvido de forma holística, respeitando a subjetividade do sujeito e todas as possibilidades do encontro se fazer presente, a psicologia humanista é uma das abordagens, entre diversas outras, que pode mostrar os diversos benefícios desse encontro entre a psicologia e a comunicação não-violenta, pelo fato de compreender o ser humano em sua totalidade e se desprender das amarras que são impostas (SPINDOLA; MAES; TESSARO, 2021).

4.2 A pessoa LGBTQIAPN+ vítima de violência:

Se tratando do ambiente, Reis, Dias e Benitez (2017) destacam que os lugares onde há uma maior incidência de LGBTfobia, empatam entre a escola e a própria casa do sujeito. Dessa forma, esses dois locais são os que mais evidenciam episódios de agressão e violência também. Entretanto, Souza et al. (2018), em seu estudo sobre assassinatos contra pessoas LGBTQIAPN+ nos anos de 2010 à 2017, destaca que a maior incidência de violência por LGBTfobia é fora do lar, ou seja, nas ruas por meio de arma de fogo, facadas ou espancamentos que podem se tornar execuções também.

Outro local onde há bastante discriminação, são as igrejas, onde os relatos e respostas dos entrevistados no estudo de Apóstolo, Moscheta e Souza (2017) sobre diálogos sobre violência LGBT, relatam que muitas vezes o local que serviria de acolhimento espiritual, se transforma em mais uma barreira e problema afirmada pelo discurso de que isto não seria “algo que Deus” e que também seria uma “abominação”. Souza et al. (2018), afirmam que as religiões, em especial as igrejas, vêm a se tornar mais um problema em relação à violência LGBT, pois elas tendem a legitimar esse tipo de violência contra a comunidade na defesa dos seus discursos por uma sociedade “mais pura”.

Ferreira e Sacramento (2019) discutem sobre um lugar um pouco diferente, dessa vez através da mídia. Os jornais e noticiários que deveriam servir como veículos de informação para a população de forma fiel e com um compromisso através da verdade, ao longo dos anos também serviram como veículos de discriminação e desinformação para a comunidade LGBT, associando sempre as infecções sexualmente transmissíveis diretamente à população LGBTQIAPN+. No estudo sobre a violência homofóbica no Rio de Janeiro, feito por Silva et al. (2020), o grande destaque é a subnotificação dos casos, onde aquilo que não seria mostrado, através das mídias e jornais, poderia cair no esquecimento, dessa forma, se tem mais uma forma de silenciamento de questões envolvendo a violência contra a comunidade LGBTQIAPN+.

Vale ressaltar a importância que foi o Jornal Lampião da Esquina, um jornal sobre a comunidade LGBT que circulou pelo Brasil como uma imprensa alternativa entre os anos de 1978 até 1981. Esse jornal foi um importante veículo de comunicação entre a comunidade LGBTQIAPN+ daquele tempo junto à sociedade, como também,

aos poucos foi se tornando um veículo de denúncias em relação aos crimes cometidos pelos oficiais durante a ditadura militar. Esse foi um dos jornais mais importantes do país que, em relação aos outros, ajudou e continua auxiliando na história da comunidade LGBT pelo país (TREVISAN, 2018).

Se tratando do perfil da pessoa que sofre ou sofreu com LGBTfobia, pode-se destacar que são pessoas que sofreram discriminações, agressões sejam elas verbais ou físicas de forma constante em sua vida (REIS; BENITEZ, 2016). Excluídas de ambientes religiosos; silenciadas em ambientes de trabalho; intimidadas socialmente em relação às suas manifestações de afeto como seu(s) parceiro(a) (APÓSTOLO; MOSCHETA; SOUZA, 2017). Sofrem com a negação e rejeição de outras possibilidades de vínculo amoroso que saia do modelo heterossexual tradicional (DE SOUZA et al., 2018). Exclusão de grupos sociais atrelados a nomenclaturas negativas como “corpo estranho”, “sujeira” e “disruptivas” (FERREIRA; SACRAMENTO, 2018; DE SOUZA et al., 2018; DE TILIO; SILVEIRA, 2021). Questões socioeconômicas como renda baixa, difícil acesso às oportunidades de emprego e estudo, trazendo essas pessoas ainda mais próximas à margem da sociedade, ocasionando também uma enorme probabilidade desses sujeitos estarem mais próximos do crime (SILVA et al., 2020).

4.3 A abordagem da comunicação não-violenta em pessoas vítimas de LGBTfobia:

Percebeu-se a fragilidade que se encontram as pessoas LGBT's vítimas de LGBTfobia, uma vez que as oportunidades são arrancadas de suas vidas e essas pessoas precisam mesmo assim, achar uma alternativa e seguir em frente; a fragilidade não é apenas no quesito social, envolvendo as oportunidades de acesso a essas pessoas, mas também em sua saúde mental (FERREIRA; SACRAMENTO, 2019).

O acolhimento a essas pessoas nesses momentos mais difíceis pode não ser uma tarefa fácil, mas acolher necessariamente é a coisa certa a se fazer; unir-se em favor do respeito e proteção à diversidade é obrigação de todos, e o sujeito que necessita desse acolhimento consegue, aos poucos nesse espaço, encontrar ferramentas para elaborar novas possibilidades (REIS; DIAS; BENITEZ, 2017).

Diversas são as formas de exclusão e silenciamento das pessoas LGBTQIAPN+, seja através das instituições de ensino, onde projetos de acolhimento são desenvolvidos visando trazer uma mudança a essas situações (REIS; DIAS; BENITEZ, 2017); em ambientes de trabalho onde o silenciamento pode surgir dentro do próprio serviço ou de forma indireta naquilo que você desenvolve (SILVA et al., 2020); pode surgir de forma histórica, onde o peso dessas questões são bem maiores que o tempo e mesmo estando anos depois, esses pontos ainda persistem e atrapalham o desenvolvimento dessas pessoas (FERREIRA; SACRAMENTO, 2019; TILIO; SILVEIRA, 2021).

Como oposição, a escuta através da comunicação não-violenta se transforma em uma “empatia que cura”, quando o sujeito passa a compreender que existe um espaço onde pode ser ouvido, e acima de tudo, onde ele também pode se ouvir, ele passa a elaborar através da sua própria compreensão sobre o mundo, outras formas de seguir em frente; é onde a verdadeira comunicação se estabelece o sujeito consegue observar outras formas de ver o mundo e suas situações, pois quanto mais empatia entrega-se através da comunicação e do diálogo, mais o sujeito se sente acolhido e seguro (ROSENBERG, 2006).

Diversas são as formas que a pessoa LGBTQIAPN+ vítima de LGBTfobia pode chegar na psicoterapia. Assustados, confusos, com medo, ainda mais quando o tipo de violência vivenciada for física, os traumas resistem de forma psíquica e fisicamente também, ou seja, das violências mais praticadas contra esse público as violências físicas não fatais saem na frente (SILVA et al., 2020). Apesar de ainda assim existirem políticas públicas em vigor contra a violência LGBT, o sentimento de impunidade dos agressores é muito maior, o movimento LGBT é uma ação que se ampara dentro da constituição, mas o próprio movimento enquanto ação social não é protegido, dessa forma, muitos dos agressores têm uma certa “liberdade” nos atos, pois a própria justiça enfraquece todo o movimento social (SOUZA et al., 2018).

Se tratando de sentimentos, no acolhimento em psicoterapia, entender o que o sujeito sente diante da situação é fundamental, compreender a gravidade de tudo e acolher o sentimento da pessoa é o que estabelece a comunicação não-violenta através da empatia. Rosenberg (2006) em sua obra alerta para os custos de não se falar o que sente, o que ele chama de sentimentos não-expressos; dessa forma, validar os sentimentos do outro e não só se apoiar na forma “certa” de se pensar, é

acolher o outro em sua totalidade, pois quando se fala do que sente, o sujeito expressa a sua maior vulnerabilidade existente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa trouxe o tema da comunicação não-violenta para dentro da psicoterapia, envolvendo um cenário de violência sofrida pela população LGBT. Atingiu-se o objetivo de analisar a literatura presente segundo as fases da metodologia utilizada, que fazem contexto com o tema proposto.

Os trabalhos analisados demonstram que a comunicação, por ser a principal chave da construção da sociedade, pode também modificar diversos pontos na vida do sujeito, seja dentro da psicoterapia ou até mesmo na sociedade. A comunicação é sem dúvida a maneira mais primitiva e única de se estabelecer laços.

Os objetivos específicos foram atingidos parcialmente, foi possível compreender mais sobre a comunicação violenta, assunto já estabelecido pelo seu autor Marshal Rosenberg, de forma que a comunicação pôde ser vista de diversos pontos e perspectivas diferentes. Porém, ao identificar uma certa dificuldade quando o assunto é a comunicação não-violenta e psicoterapia, as construções científicas sobre o assunto são quase nulas. Outros trabalhos até citam e explanam sobre forma superficial, mas nada aprofundado.

Outra dificuldade bastante encontrada, é a questão também da escassez de estudos com a temática LGBT envolvendo a psicoterapia. A maioria dos estudos sobre esse tema, e mais ainda os que envolvem a violência contra a pessoa LGBT a LGBTfobia, são de cunho social, que tem, sim, a sua importância. Porém, a diversidade de estudos envolvendo os cuidados em saúde mental, especificamente na área clínica da psicologia, a psicoterapia, são poucas. De modo que, muitas vezes, os estudos precisam ser bem alternados nessa questão.

Esse estudo optou por uma perspectiva ampla e colaborativa. Ampla no sentido de trazer o tema da comunicação não-violenta para outras esferas além da comunicação de forma técnica, mas sim, diante de um contexto onde a psicologia em sua prática na psicoterapia possa se beneficiar. E colaborativa, no sentido de que o estudo não traz uma nova possibilidade de abordagem na psicologia, pois a comunicação não-violenta já existe e têm o seu criador, mas no sentido de colaborar trazendo para a ciência psicológica um tema onde a sua inserção em um cenário

diferente, como a psicoterapia, possa dispor novos sentidos e despertar novos caminhos sobre o estudo.

A partir dos achados nesta pesquisa, observam-se muitas possibilidades de estudos futuros a serem explorados. Nada foi encontrado enquanto cenário hospitalar e de saúde mental relacionados ao tema, dessa forma, assim como realizado nesse estudo, reduzindo o cenário à psicoterapia, ou seja, a psicologia de forma clínica, pessoas LGBT surgem em diversos locais possíveis e seus ferimentos o acompanham desde então. Faz-se necessário explorar esse assunto nesses outros ambientes, observando suas particularidades e necessidades.

Outra possibilidade de estudo a ser desenvolvido, são os manejos com técnicas diante dos casos de LGBTfobia. Algumas abordagens da Psicologia têm em sua essência o manejo com técnicas, a aplicação de desenvolvimento de estudos científicos sobre as técnicas utilizadas nesse cenário clínico, pode servir como estudos para outros estudantes e profissionais e também tem interesse nos atendimentos à pessoa LGBT.

Uma última possibilidade de estudo, dessa vez de uma forma mais específica, é compreender a carência dos temas LGBT diante das bases de dados de publicação de estudos. Durante o processo da pesquisa, alguns termos sobre a comunidade LGBTQIAPN+ foram excluídos, quase todos, pois a escassez de estudos que explorem essas nomenclaturas é gigantesca. Estudos de deem mais atenção a esse tema, as palavras da comunidade, dentro da perspectiva da saúde mental, são importantes para trazer pertencimento a essas pessoas nas áreas da saúde, assim como a representatividade também.

Por fim, em termos de percepções gerais, o estudo permitiu ampliar ainda mais o leque sobre como abordar alguém vítima de LGBTfobia. É importante lembrar que estudos como esses, sobre um tema tão delicado, precisam ser bem mais elaborados no sentido de quantidade, pois o profissional de psicologia precisa estar atento(a) às mudanças sociais que ocorrem ao seu redor. Respeitando e colaborando com as minorias e suas ações políticas para enfim promover o bem-estar dessas pessoas de forma geral. O profissional da Psicologia precisa necessariamente ter esse compromisso de forma ética.

REFERÊNCIAS

- APÓSTOLO, Marcos Vinicius do Amaral; MOSCHETA, Murilo dos Santos; SOUZA, Laura Vilela. Discursos e posicionamentos em um encontro de diálogo sobre violência a LGBTs. **Psicologia USP**, v. 28, p. 266-275, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/M5gLLsMrzz3XSpwSPNmr5sv/?lang=pt>. Acesso em: 21 maio, de 2023.
- ALMEIDA, Cristovao Domingos; OLIVEIRA, Simone Barros; BRUM, Letícia Souza. Da comunicação não-violenta à cultura de paz: círculos, narrativas e contribuições. **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, p. 463-480, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/6775>. Acesso em: 05 set. 2023.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria Nº 2.836, de Dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Diário Oficial da União, 2011.
- BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BORTOLETTO, Guilherme Engelman. LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade. **São Paulo: USP**, 2019. Disponível em: http://celacc.webhostusp.sti.usp.br/sites/default/files/media/tcc/guilherme_engelman_bortoletto.pdf. Acesso em: 04 maio. 2023.
- CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. 2. ed. São Paulo: Planeta Estratégia, 2021.
- CITELLI, Adilson. Comunicação e linguagem: diálogos, trânsitos e interditos. **MATRIZES**, v. 2, n. 1, p. 13-30, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38206>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **CFP**. Resolução CFP n. 1/99. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasília, 23 de março de 1999. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em 04 mar. 2023.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **CFP**. **Tentativas de aniquilamento desubjetividades LGBTIs**. Brasília, DF: CFP, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/06/CFP_TentativasAniquilamento_WEB_FINAL.pdf. Acesso em 04 mar. 2023

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem faz a psicologia brasileira? Um olhar sobre o presente para construir o futuro**. 1. ed. Brasília: CFP, 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/censo-da-psicologia-brasileira-volume-1/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CORDIOLI, Aristides Volpato; GREVET, Eugenio Horacio. **Psicoterapias: Abordagens Atuais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DE SOUZA, Daniel Cerdeira et al. Assassinatos de lgbt's no brasil—uma análise de literatura entre 2010-2017. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 10, p. 24-39, 2018.

Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27919>. Acesso em: 4 maio, de 2023.

DOSSIÊ denuncia 316 mortes e violências de pessoas LGBT em 2021.

Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, 2021. Disponível em:

<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

DOSSIÊ assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA**, 2023.

Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

FERREIRA, Vinícius; SACRAMENTO, Igor. Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. **Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 234-239, 2019. Disponível em:

<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/33802/2.pdf?sequence=2>.

Acesso em: 04 mar. 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Marcell et al. A violência para com as pessoas LGBT: uma revisão narrativa da literatura Violence to LGBT people: a narrative review of literature. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 13903-13924, 2021.

Disponível em:

<https://scholar.archive.org/work/gdnh2ybsbzh2zba2k6v7nsk2xi/access/wayback/https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/31815/pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 01 maio. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião. **Brasília: Fundação Biblioteca Nacional**, 2012.

LORIA, Gabriela Bueno et al. Saúde da população LGBTQ+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/Saúde Mental em uma universidade pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 14, n. 41, p. 1807-1807, 2019. Disponível em: <https://www.rbmf.org.br/rbmfc/article/view/1807>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Por trás da monograma do movimento LGBTQIAPN+ **Revista Temporis**, v. 22, n. 02, p. 20-20, 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/13262>. Acesso em: 16 abr. 2023

MINISTÉRIO DA SAÚDE; Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf. Acesso em: 05 maio. 2023.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011.

ORIENTANDO.ORG. **O que significa LGBTQIAPN+?**: Orientando Um espaço de aprendizagem, 2016. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>. Acesso em: 11, mar 2023.

PERLES, João Batista. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, p. 1-17, 2007. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/9be710398275c60bfd6c5c813fb05f7.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2023.

PELIZZOLI, Marcelo; SAYÃO, Sandro. **Diálogo, mediação e práticas restaurativas: cultura de Paz**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/389>. Acesso em: 27 fev. 2023.

PEDRA, Caio Benevides. **DIREITOS LGBT: a LGBTfobia estrutural na arena jurídica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito e Ciências do Estado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BAMK3R>. Acesso em: 05 maio. 2023.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** Uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterápicas**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

REIS, Roberto Alves; DIAS, Jacson; BENITEZ, Gael. A experiência do projeto de extensão una-se contra a LGBTfobia: ações a favor de uma cultura do respeito à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário. (Dossiê Gênero e

violência na população LGBTTTQIA no Brasil). **e-hum**, v. 9, n. 2, p. 74-82, 2017. Disponível em: <https://unibh.emnuvens.com.br/dchla/article/view/1961>. Acesso em: 21 maio, de 2023.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 5. ed. São Paulo: Editora Ágora, 2006.

ROSA, Lucas Camapum. A LGBTfobia como fenômeno cultural e seus impactos psíquicos. **Monografia** (Graduação em Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/185257327.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2023.

RIBEIRO, Listhiane Pereira; SEIBT, Cezar Luis. Para além do certo e errado, do bem e do mal: conhecendo melhor Marshall Bertram Rosenberg e seu processo de construção da comunicação não violenta. **Revista Signos**, v. 42, n. 1, 2021. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2770>. Acesso em: 03 maio. 2023.

SILVA, Adriano da et al. A violência homofóbica no Rio de Janeiro a partir do jornalismo digital. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. e190381, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2020.v24/e190381/>. Acesso em: 04 maio. 2023.

SEPAROVIC, Elizangela. A empatia e a mediação de conflitos—uma perspectiva baseada na comunicação não-violenta: Empathy and Mediation-A Perspective Based on Nonviolent Communication. **J²-Jornal Jurídico**, v. 2, n. 1, p. 63-78, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ponteditora.org/index.php/j2/article/view/199>. Acesso em: 05 set. 2023.

SPINDOLA, Jusedna; MAES, Karol; TESSARO, Luiz Gustavo Santos. As aproximações teórico-práticas entre a gestalt-terapia ea comunicação não-violenta. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 27, n. 1, p. 81-90, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8082934>. Acesso em: 01 maio. 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WEISS, Cláudia Suéli et al. **Comunicação e linguagem**. Indaial: Uniasselvi, 2018. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=35652>. Acesso em: 01 maio. 2023.